

RESENHAS

O TOTALITARISMO NO LESTE EUROPEU

(Resenha do livro **Mente Cativa**, de Czeslaw Milosz)

TOTALITARIANISM IN EASTERN EUROPE

*“Por mais que possamos aprender com o passado, isso não nos torna capazes de conhecer o futuro.” Hannah Arendt, em *Origens do Totalitarismo**

Para quem observa daqui da longínqua América do Sul, a Europa Central é um mistério. De um lado, as sociedades pujantes da América do Norte e da Europa Ocidental; de outro, a gigante Rússia. No meio da Europa, com pouca visibilidade, pequenos países digladiam-se para sobreviver com suas diferenças histórico-culturais e conflitos étnicos. No decorrer do século XX, para ficarmos em tempos mais recentes, somando-se às trágicas primeira e segunda Guerras Mundiais (1914-1918 e 1939-1945, respectivamente) – ou, segundo os termos de Eric Hobsbawm em *Era dos Extremos*, a “Grande Guerra” da primeira metade daquele século –, ocorreram alterações constantes de fronteiras em face de tensões internas e, sobretudo, externas naquela região.

No interior desse quadro, sobrevêm as especificidades do controle político exercido pela então União Soviética sobre aqueles países no pós-II Grande Guerra. As notícias mais fortes daquele modelo abundaram a partir dos anos 1990 com a queda do regime socialista, mas já antes havia críticas severas aos procedimentos lá adotados, inclusive advindos de “dentro” do sistema, como as revoltas ocorridas e fortemente reprimidas na Hungria (1956) e na Tchecoslováquia (1968). Como exemplo dessas críticas no plano literário, há o traduzido e publicado há pouco no Brasil **Mente Cativa** (Osasco, SP: Novo Século Editora, 2010, 247 p.), do escritor lituano-polonês Czeslaw Milosz.

Escrito entre os anos de 1951 e 1952, o livro apresenta como objeto nuclear um tema caro (e sedutor) entre os intelectuais: a possibilidade de abdicação da independência – sendo irrelevantes as dúvidas sobre o que isso venha a significar exatamente – diante de regimes políticos com forte conteúdo ideológico. Nos termos precisos de Milosz, estampados no Prefácio escrito em 1981 para a citada edição brasileira, o tema da obra “é a vulnerabilidade do pensa-

mento intelectual do século XX à sedução pelas doutrinas sociopolíticas e sua presteza em aceitar o terror totalitário pela proteção de um futuro hipotético”.

Sabido e consabido que em 1945 as nações vencedoras da II Guerra dividiram a Europa em duas grandes áreas de influência – prelúdio geopolítico da Guerra Fria que se seguiria. De um lado, as potências ocidentais com o seu modelo liberal-democrático na parte Oeste; de outro, a União Soviética e o seu ideário socialista do Centro ao Leste – sendo o caso mais peculiar o da derrotada Alemanha que se viu partida em dois. O autor de *Mente Cativa* observa os acontecimentos especialmente em quatro países: Polônia, Hungria, Tchecoslováquia e Romênia. Note-se que são nações que se situavam (geograficamente) entre a Alemanha e a União Soviética. Atacados e/ou dominados pela Alemanha nazista na guerra, findaram por permanecer sob o jugo soviético com a sua derrota, e, como efeito, tiveram de ser “disciplinados” à nova ordem.

O arguto olhar de Milosz se orienta para a intelectualidade que, de sua parte e por diversos motivos, adere (ou é conduzida a aderir) ao novo sistema. Atente-se que não necessariamente se trata de comunistas de carteirinha até a chegada dos soviéticos. Às vezes, há inclusive escritores/artistas/poetas sem qualquer vínculo com essa ideologia. É, portanto, um processo de conversão – não raro forçado. Empregando pseudônimos – Alfa, Beta, Gama e Delta –, o escritor acompanha a trajetória das figuras no decorrer de seu enquadramento. É impressionante. Ainda que o escritor lituano-polaco possa ser considerado pouco crítico em relação ao “modelo Ocidental” – para onde imigrará –, devem-se sublinhar os procedimentos de “adaptação” descritos por ele: como resultado, não restavam quaisquer espaços à criação para além ou aquém da “ciência” emanada de Moscou; tudo – repita-se: tudo – deveria estar de acordo com aquele ideário. Como exemplo, aprecie-se a seguinte passagem:

“Foi quando o ‘socialismo realista’ introduziu-se na Polônia. Esta não é, como alguns pensam, meramente uma teoria estética à qual o escritor, músico, pintor ou produtor teatral é obrigado a aderir. Contrariamente, envolve por intermédio da implicação de toda a doutrina Lênin-stalinista. Se escritores e pintores não são forçados a tornar-se membros do partido, isso ocorre, pois tal passo é desnecessário. Desde que ajam de acordo com o ‘socialismo realista’, estão automática e inescapavelmente alistados entre os seguidores de Stalin. O ‘socialismo realista’ é muito mais que uma questão de gosto, de preferência por um estilo de pintura ou música sobre outro. Diz respeito às crenças que estão situadas na base da existência humana. No campo da literatura, proíbe o que em qualquer época foi a tarefa fundamental do escritor – observar o mundo sob um ponto de vista independente, dizer a verdade como ele a vê e, assim, manter vigilância assídua sobre o interesse da sociedade como um todo. Prega uma atitude apropriada de dúvida a um sistema de ética meramente formal, mas ele mesmo faz todo o julgamento de valores dos quais o interesse da ditadura depende”.

Ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1980, a obra de Milosz equivale-se em estatura às de George Orwell (1984) e de Aleksandr Solzhenitsyn (*Arquipélago Gulag*) na sua censura ao stalinismo. Situando-se no mesmo caminho de livros acadêmicos como *Origens do Totalitarismo*, de Hannah Arendt, ou de romances históricos, como *A Insustentável Leveza do Ser*, de Milan Kundera, o documento *Mente Cativa* é impactante, produzindo efeito semelhante ao de filmes sobre o tema, tais como *Mephisto*; *Adeus, Lênin*; *A Vida dos Outros* (Alemanha Oriental); e *A Insustentável Leveza do Ser* (Tchecoslováquia). Todos eles, cada um ao seu modo, denunciam os efeitos devastadores do totalitarismo sobre a vida das pessoas que o experimentam.

Reginaldo Teixeira Perez
Professor do Departamento de Ciências Sociais/UFSM